

# AVALIAÇÃO FAMILIAR

VULNERABILIDADE,  
STRESS E ADAPTAÇÃO  
Vol. II

دوره دوم از مجموعه کتاب‌های «تأثیرات فرهنگی بر سلامت روان»



ANA PAULA RELVAS  
SOFIA MAJOR  
COORDENAÇÃO

IMPRENSA DA  
UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA  
COIMBRA  
UNIVERSITY  
PRESS

# INVENTÁRIO DE AVALIAÇÃO PESSOAL ORIENTADO PARA A CRISE EM FAMÍLIA (F-COPES)

Diana Cunha  
Ana Paula Relvas

*“By coping we refer to the things that people do to avoid being harmed by life strains.”*

(Pearlin & Schooler, 1978, p. 2)

## Resumo

O Inventário de Avaliação Pessoal Orientado para a Crise em Família (F-COPES; Olson & Barnes, 1982) avalia as atitudes e comportamentos desenvolvidos pela família para resolver ou responder às dificuldades e problemas, considerando os recursos familiares, sociais e comunitários, através de um conjunto de 29 itens. O presente estudo pretende avaliar qual das versões portuguesas do F-COPES, anteriormente desenvolvidas, é a mais ajustada à população geral. Para tal, realizaram-se estudos de validade interna, através de uma análise fatorial confirmatória de três modelos passíveis de representarem a versão portuguesa do instrumento ( $N = 595$ ). De seguida, realizaram-se estudos de fiabilidade do modelo mais ajustado. O modelo que se revelou mais ajustado apresenta uma estrutura de sete fatores (Reenquadramento, Procura de Apoio Espiritual, Aquisição de Apoio Social – Relações de Vizinhaça, Aquisição de Apoio Social – Relações Íntimas,

Mobilização de Apoio Formal, Aceitação Passiva e Avaliação Passiva):  $CFI = .923$ ,  $GFI = .901$ ,  $RMSEA: .056$  (Lo = .051, Hi = .060). No entanto, apenas as cinco primeiras dimensões podem ser utilizadas como subescalas (alfa de Cronbach entre .75 e .88), devido à fraca consistência interna apresentada pelas outras duas. O estudo apresenta algumas limitações (e.g., amostra não probabilística de conveniência, não estratificada), sugerindo-se a continuidade dos estudos do F-COPES (e.g., melhorar as propriedades psicométricas dos fatores Avaliação Passiva e Aceitação Passiva).

**Palavras-Chave:** F-COPES, *coping* familiar, validade, fiabilidade.

## **Abstract**

The Family Crisis Orientated Personal Evaluation Scales (F-COPES; Barnes & Olson, 1982) assesses the attitudes and behaviors developed by the family to resolve or respond to the difficulties and problems, considering the family, social and community resources. This study aims to determine which Portuguese F-COPES version, previously developed, is the most adjusted to general population. To this end, we developed internal validity studies, through a confirmatory factor analysis of three possible Portuguese models of the instrument ( $N = 595$ ). Then, we analyzed the reliability of the most adjusted model. This model presents a structure of seven factors (Reframing, Seeking Spiritual Support, Acquisition of Social Support - Neighborhood Relations, Acquisition of Social Support - Intimate Relations, Formal Support Mobilization, Passive Appraisal and Passive Acceptance):  $CFI = .923$ ,  $GFI = .901$ ,  $RMSEA: .056$  (Lo = .051, Hi = .060). However, only the first five dimensions can be used as subscales (Cronbach's alpha between .75 and .88), due to the poor internal consistency displayed by the other two. The study has some limitations (e.g., non-probabilistic sample of convenience, not stratified), suggesting the continuity of F-COPES studies (e.g., improve the psychometric properties of the factors Passive Appraisal and Passive Acceptance).

**Keywords:** F-COPES, family coping, validity, reliability.

## 1. Instrumento

### O que é, o que avalia e a quem se aplica?

No Quadro 1 encontra-se a ficha técnica relativa ao Inventário de Avaliação Pessoal Orientado para a Crise em Família (F-COPES), versão validada para a população portuguesa (apresentada neste capítulo).

Quadro 1.

Ficha técnica do F-COPES

<b>O que é?</b>	O Inventário de Avaliação Pessoal Orientado para a Crise em Família (F-COPES) é a versão portuguesa e validada do instrumento <i>Family Crisis Orientated Personal Evaluation Scales</i> (F-COPES), desenvolvido em 1981 por McCubbin, Larsen e Olson, em St. Paul, Minnesota		
<b>O que avalia?</b>	O F-COPES consiste num questionário de auto-resposta, composto por 29 itens que avaliam as atitudes e comportamentos desenvolvidos pela família para resolver ou responder às dificuldades e problemas, considerando os recursos familiares, sociais e comunitários. Os 29 itens encontram-se repartidos por sete dimensões: Reenquadramento, Procura de Apoio Espiritual, Aquisição de Apoio Social – Relações de Vizinhança, Aquisição de Apoio Social – Relações Íntimas, Mobilização de Apoio Formal, Aceitação Passiva e Avaliação Passiva. No entanto, apenas as cinco primeiras (23 itens) podem ser utilizadas como subescalas, devido à fraca consistência interna apresentada pelas outras duas (6 itens)		
	Estrutura do F-COPES		
	Dimensão	Número Itens	Descrição
	Reenquadramento (RE)	7	Avalia a capacidade da família para redefinir os acontecimentos indutores de <i>stress</i> , de forma a torná-los mais controláveis
	Procura de Apoio Espiritual (AE)	4	Avalia a capacidade do sistema familiar para se envolver na procura de auxílio espiritual
	Aquisição de Apoio Social – Relações de Vizinhança (RV)	3	Avalia a competência da família para ativar recursos provenientes dos vizinhos
	Aquisição de Apoio Social – Relações Íntimas (RI)	6	Avalia a competência da família para ativar recursos provenientes da rede social primária
	Mobilização de Apoio Formal (AF)	3	Avalia a competência da família para procurar recursos em entidades de apoio formal

---

**A quem se aplica?** A versão portuguesa e validada do F-COPES pode ser aplicada a indivíduos da população geral a partir dos 12 anos

---

**Como ter acesso?** O acesso ao F-COPES pode ser efetuado através da página [http://www.fpce.uc.pt/avaliação familiar](http://www.fpce.uc.pt/avaliação_familiar) que contém todos os instrumentos de avaliação apresentados neste livro. Os utilizadores deverão facultar os contactos pessoais e institucionais, bem como dados acerca do propósito da utilização do instrumento (e.g., investigação, prática clínica) e concordar com as condições de utilização e de partilha dos resultados com os autores da versão portuguesa

---

### ***Fundamentação e história***

O *coping* começou por ser perspetivado, numa lógica psicanalítica, como um mecanismo de defesa que os indivíduos utilizavam para lidar com conflitos/ameaças internas ou externas (Freud, 1933). Nesta aceção, o *coping* teria um caráter estático, seria um traço estável de ação, o que dificultaria a compreensão do fenómeno atendendo às complexas interações entre os indivíduos e as situações *stressantes* (Pais Ribeiro & Rodrigues, 2004). No entanto, a partir de 1970, muitos autores passam a colocar a tónica no caráter dinâmico do *coping*. Esta mudança deve-se, em grande parte, a autores como Lazarus e Folkman (1984) que passam a definir *coping* como os esforços comportamentais e cognitivos, em mudança constante, que visam gerir exigências internas ou externas específicas, demasiado desafiantes para os recursos pessoais. O *coping* pode constituir um processo de conquista de equilíbrio e de desenvolvimento individual e familiar quando ocorre a gestão simultânea de várias componentes da dinâmica familiar, tais como: a comunicação e a organização familiares, a autonomia e a autoestima dos seus elementos, a manutenção das relações familiares e com a comunidade, a manutenção de esforços que controlem o impacto do acontecimento, e a quantidade de mudanças suscitadas no sistema (Olson et al., 1983). Deste modo, as estratégias de *coping* não surgem instantaneamente e sofrem modificações constantes ao longo do tempo (Olson et al.,

1982), tentando dar respostas às exigências distintas de cada etapa do ciclo vital e à constante mutação familiar.

As estratégias de *coping* podem ser aprendidas através de processos de modelação, condicionamento ou podem fazer parte da própria personalidade individual e/ou familiar (Lopes & Lourenço, 2008; Vaz Serra, 2007). Estas estratégias podem centrar-se no problema, nas emoções ou na obtenção de apoio social (Vaz Serra, 2007) e podem ser usadas em simultâneo (Monat & Lazarus, 1985), dependendo da situação envolvente (Smith, 1993). Assim, o *coping* focado no problema pretende modificar a situação causadora de *stress* (Lazarus & Folkman, 1984; Lazarus & Lazarus, 2006; Monat & Lazarus, 1985; Smith, 1993), ao passo que, quando centrado nas emoções, tem por objetivo a atenuação das emoções desagradáveis e desconforto sentidos (Lazarus & Folkman, 1984; Lazarus & Lazarus, 2006; Monat & Lazarus, 1985; Smith, 1993; Vaz Serra, 2007). No que respeita às estratégias que se focam na interação social, a procura de apoio e de uma resposta empática assumem-se como pontos nodais (Vaz Serra, 2007).

O *coping* pode, ainda, distinguir-se entre ativo e passivo. O primeiro envolve “esforços para remover ou circunscrever o *stressor*” (Pais Ribeiro & Rodrigues, 2004, p. 10) ou “tentativas ativas de gestão da situação *stressante*” (Taft, Resick, Panuzio, & Mechanic, 2007, p. 409); o segundo está associado a “tentativas de evitamento do problema ou redução da tensão através de pensamentos ou comportamentos de fuga” (Taft et al., 2007, p. 409).

Para avaliar as estratégias de *coping* e a forma como são utilizadas pelo sistema familiar para responder às adversidades (Grotevant & Carlson, 1989), McCubbin, Larsen e Olson desenvolveram, em 1981, as *Family Crises Oriented Personal Evaluation Scales* (F-COPES). A construção do F-COPES surge no âmbito do desenvolvimento de um conjunto de instrumentos de avaliação familiar, entre eles o *Quality of Life* (QOL) (Olson & Barnes, 1982) (cf. Capítulo 4). Qualquer um desses instrumentos, incluindo o F-COPES, possui como enquadramento teórico de base o Modelo Duplo ABCX de McCubbin e Patterson (1983), que é uma extensão do Modelo ABCX de Hill (1949). Estes representam modelos orientados para

a compreensão do *stress* familiar que analisam os acontecimentos indutores de *stress* que possam afetar a capacidade de adaptação do sistema familiar (Weber, 2011). Neste sentido, o modelo ABCX (Hill, 1949) aborda a capacidade de resposta da família a algo que, de alguma forma, a ameaça e obriga à sua reestruturação. Para tal, o autor considera a existência de quatro fatores fundamentais, aos quais atribuiu as letras A, B, C e X. Considera-se que A é um evento *stressor*, B corresponde aos recursos familiares para lidar com as novas exigências, C refere-se à definição que a família faz do acontecimento (individual e coletivamente), e X à crise. Já o Modelo Duplo ABCX (McCubbin & Patterson, 1983) pretende complementar o anterior por considerar que o modelo de Hill (1949) reduz o seu foco às variáveis pré-crise. Assim, acrescenta os esforços que os membros da família fazem, ao longo do tempo, para se adaptar, propondo que sejam contempladas três fases: a pré-crise, a crise e a pós-crise (McCubbin & Patterson, 1983). Os autores acrescentam, assim, quatro fatores fundamentais: o fator aA que corresponde ao acumular de fatores de *stress*, o fator bB que representa os esforços da família para ativar ou adquirir novos recursos, o fator cC que implica as modificações da percepção familiar da situação total de crise, e o fator xX que corresponde à adaptação da família.

O F-COPES é composto por 29 itens. A partir de uma escala de *Likert* de 1 (“Discordo muito”) a 5 (“Concordo muito”) pontos, o sujeito deverá indicar em que medida concorda ou discorda com a afirmação apresentada. A versão original do F-COPES encontra-se organizada em cinco fatores: 1) Adquirir Suporte Social (9 itens que avaliam a capacidade da família para procurar apoio de parentes, vizinhos, amigos e da família alargada); 2) Reenquadramento (8 itens que medem a capacidade da família para redefinir os acontecimentos indutores de *stress*, de forma a torná-los mais controláveis); 3) Procura de Apoio Espiritual (4 itens que se focam na capacidade da família para obter apoio espiritual); 4) Mobilização da Família para Obter e Aceitar Ajuda (4 itens que permitem aceder à capacidade da família para encontrar e aceitar a ajuda da comunidade); 5) Avaliação Passiva

(4 itens que se relacionam com a capacidade da família para aceitar medidas problemáticas, minimizando o seu impacto). A versão original do F-COPES permite obter o resultado total de estratégias de *coping* e o resultado por fator. Esta escala avalia dois grandes tipos de estratégias de *coping* familiar: estratégias internas e estratégias externas (McCubbin, Larsen, & Olson, 1981). As primeiras dizem respeito à maneira como cada sujeito lida com as dificuldades, fazendo uso dos recursos existentes no seio familiar (Reenquadramento e Avaliação Passiva) e as segundas encontram-se relacionadas com o comportamento que cada sujeito desempenha para obter novos recursos de enfrentamento fora da família (Aquisição de Suporte Social, Procura de Suporte Espiritual, Mobilização Familiar para Adquirir e Aceitar Ajuda) (McCubbin et al., 1981).

A consistência interna do F-COPES original revelou-se boa no que respeita à escala total ( $\alpha = .86$ ) e às dimensões Adquirir Suporte Social ( $\alpha = .83$ ), Reenquadramento ( $\alpha = .82$ ) e Procura de Apoio Espiritual ( $\alpha = .80$ ). A dimensão Mobilização da Família para Obter e Aceitar Ajuda apresentou valores razoáveis de consistência interna ( $\alpha = .71$ ), sendo a Avaliação Passiva, a única dimensão com valores de Alfa de Cronbach inferiores aos considerados razoáveis ( $\alpha = .63$ ) (McCubbin et al., 1981).

## **2. Estudos em Portugal**

### **Como foi desenvolvido/ adaptado e validado?**

#### ***Estudos de tradução e adaptação***

O F-COPES encontra-se traduzido, em português, desde 1990 por Vaz Serra, Firmino, Ramalheira e Canavarro. É partindo desta tradução que em 2008, Martins valida o F-COPES, utilizando uma amostra composta por 372 sujeitos da população geral. Através de uma análise fatorial exploratória com rotação *varimax*, a autora sugere uma solução de sete fatores, responsável por 58.8% da variância total e que engloba cinco

subescalas (Reenquadramento -  $\alpha = .79$ , Procura de Apoio Espiritual -  $\alpha = .85$ , Aquisição de Apoio Social nas Relações de Vizinança -  $\alpha = .82$ , Aquisição de Apoio Social nas Relações Íntimas -  $\alpha = .77$  e Mobilização de Apoio Formal -  $\alpha = .70$ ) e duas dimensões (Atitude Passiva e Avaliação Passiva) que não podem ser utilizadas como subescalas independentes. Em 2013, Antunes, partindo da mesma tradução e utilizando uma amostra composta por 534 sujeitos da população geral, conclui, através de análises fatoriais confirmatórias (AFC), que tanto o modelo da versão original de cinco fatores (McCubbin et al., 1981), como o modelo de sete fatores (Martins, 2008) apresentam índices de ajustamento muito distantes do recomendado. Assim, realiza uma AFE (com rotação *varimax*), seguida de uma análise fatorial confirmatória (qui-quadrado ( $\chi^2$ )/graus de liberdade (df) = 2.83, *CFI* (*Comparative Fit Index*) = .83 e *RMSEA* (*Root Mean Square Error of Aproximation*) = .06) e propõe a seguinte estrutura de quatro fatores, responsáveis por 54.5% da variância total: Reenquadramento ( $\alpha = .89$ ); Apoio Social – Religioso, Profissional e da Comunidade ( $\alpha = .87$ ); Apoio Social – Relações Próximas ( $\alpha = .84$ ) e Avaliação Passiva ( $\alpha = .63$ ).

Desta forma, dada a diversidade de versões portuguesas do F-COPES, o presente estudo pretende analisar cada um dos modelos fatoriais referidos, o original de cinco fatores (McCubbin et al., 1981), o de sete fatores (Martins, 2008) e o de quatro fatores (Antunes, 2013), procurando perceber qual deles reúne melhores propriedades psicométricas para ser utilizado na população portuguesa.

Utilizou-se a tradução portuguesa, realizada em 1990 por Vaz Serra et al., também administrada nos estudos de Martins (2008) e de Antunes (2013) e um questionário de dados sociodemográficos.

A amostra foi recolhida através do método de amostragem por conveniência, a partir da população geral ( $N = 595$ ), desde 2008 até 2014. O nível socioeconómico (NSE) foi calculado segundo a classificação proposta por Simões (2000) e utilizou-se a tipologia das áreas urbanas do Instituto Nacional de Estatística (INE, 2009) para classificar as áreas de residência – Áreas Predominantemente Urbanas (APU), Áreas Medianamente Urbanas (AMU) e Áreas Predominantemente Rurais (APR).

Trata-se de uma amostra composta maioritariamente por mulheres (64.0%). A faixa etária mais predominante varia entre os 30 e os 39 anos (22.9%), a maioria dos participantes é licenciada (24.2%), casada (60.3%), pertencente a um NSE médio (50.9%) e residente numa APU (37.2%) (cf. Quadro 2).

Quadro 2.  
Caracterização da amostra

		Frequência ( <i>n</i> )	Percentagem (%)
Sexo	Masculino	214	36.0
	Feminino	381	64.0
Faixa etária	12-19	48	8.1
	20-29	130	21.8
	30-39	136	22.9
	40-49	130	21.8
	50-59	84	14.1
	60-69	37	6.2
	> 70	30	5.0
Escolaridade	< 1º Ciclo	19	3.2
	1º Ciclo	69	11.6
	2º Ciclo	73	12.3
	3º Ciclo	122	20.5
	Secundário	121	20.3
	Curso profissional	32	5.4
	Licenciatura ou >	144	24.2
	<i>Missing values</i>	15	2.5
Estado civil	Solteiro	120	20.2
	Casado	359	60.3
	União de facto	55	9.2
	Divorciado	28	4.7
	Separado	5	0.8
	Viúvo	13	2.2
<i>Missing values</i>	15	2.5	
NSE	Baixo	168	28.2
	Médio	303	50.9
	Elevado	48	8.1
	(Estudantes)	76	12.8
Residência	APU	221	37.2
	AMU	198	33.3
	APR	176	29.6

## ***Estudos de validade interna: Análise fatorial confirmatória (AFC)***

Para obtermos as estatísticas de ajustamento para cada um dos modelos em análise (5, 7 e 4 fatores), realizámos uma AFC para cada um deles. Foi utilizado o *software* AMOS 22 (*Analysis of Moment Structures*), considerando-se a matriz de covariâncias e adotando o método de estimação ML (*Maximum Likelihood*). Para o teste de ajuste dos modelos propostos consideraram-se os seguintes índices: qui-quadrado ( $\chi^2$ )/graus de liberdade (df), *CFI* (*Comparative Fit Index*), *GFI* (*Goodness-of-fit Index*) e *RMSEA* (*Root Mean Square Error of Approximation*) (Marôco, 2010). Adotaram-se, como critérios de ajuste satisfatório do modelo aos dados, os seguintes valores dos índices:  $\chi^2/df$  inferior a 5, *CFI* e *GFI* superiores a .90 e *RMSEA* inferior a .10 (Marôco, 2010).

Modelo original (McCubbin et al., 1981) (5 fatores): Aquisição de Suporte Social (itens 1, 2, 4, 5, 10, 16, 20, 25, 29), Reenquadramento (itens 3, 7, 11, 13, 15, 19, 22, 24), Procura de Suporte Espiritual (itens 14, 23, 27, 30), Mobilização Familiar para Adquirir e Aceitar Ajuda (itens 6, 8, 9, 20, 21) e Avaliação Passiva (itens 12, 17, 26, 28). Este modelo apresentou índices de ajustamento desadequados, mesmo depois de realizadas algumas modificações sugeridas pelos índices de modificação:  $\chi^2 = 1801.681$  ( $p < .001$ ),  $\chi^2/df = 4.909$ , *CFI* = .822, *GFI* = .810, *RMSEA*: .081 (*Lo* = .077, *Hi* = .085).

Modelo de Martins (2008) (7 fatores): Reenquadramento (itens 3, 7, 11, 13, 15, 22, 24), Procura de Apoio Espiritual (itens 14, 23, 27, 30), Aquisição de Apoio Social – Relações de Vizinhança (itens 8, 10, 29), Aquisição de Apoio Social – Relações Íntimas (itens 1, 2, 4, 5, 16, 25), Mobilização de Apoio Formal (itens 6, 9, 21), Aceitação Passiva (itens 12, 19, 20), e Avaliação Passiva (17, 26, 28). Este modelo apresentou, em geral, índices de ajustamento adequados -  $\chi^2 = 956.215$  ( $p < .001$ ),  $\chi^2/df = 2.837$ , *CFI* = .923, *GFI* = .901, *RMSEA*: .056 (*Lo* = .051, *Hi* = .060). Para se obter este ajustamento final foram necessárias algumas modificações sugeridas pelos índices de modificação. Note-se que apenas

se realizaram alterações quando o índice de modificação era elevado e simultaneamente correspondia a uma alteração teoricamente plausível. Por exemplo, acrescentou-se uma correlação entre os erros do item 6 (“auxílio de instituições criadas para ajudar famílias”) e 9 (“informação e conselhos junto do médico de família”). Teoricamente, facilmente se aceitam as alterações sugeridas, uma vez que o conteúdo dos itens remete para aspetos que se encontram visivelmente associados (neste caso procura de apoio formal).

Modelo de Antunes (2013) (4 fatores): Apoio Proveniente de Relações Próximas (itens 1, 2, 5, 16, 20, 25), Apoio Social Comunitário (itens 4, 6, 8, 9, 10, 14, 21, 23, 27, 29, 30), Reenquadramento (itens 3, 7, 11, 13, 15, 19, 22, 24), e Avaliação Passiva (itens 12, 17, 26, 28). Este modelo apresentou índices de ajustamento desadequados, mesmo depois de realizadas algumas modificações sugeridas pelos índices de modificação:  $\chi^2 = 2341.240$  ( $p < .001$ ),  $\chi^2/df = 6.328$ ,  $CFI = .755$ ,  $GFI = .750$ ,  $RMSEA: .095$  ( $Lo = .091$ ,  $Hi = .098$ ).

Em suma, atendendo a estes resultados, o modelo de sete fatores (Martins, 2008) é o mais ajustado. Todos os valores das saturações são adequados, com as saturações estandardizadas situadas entre .24 e .93 (cf. Quadro 3).

Quadro 3.  
*Estrutura fatorial do F-COPES*

Item F-COPES	Fator	Saturação Estandarizada
3. (...) capacidade para resolver (...)		.86
7. Sabemos que a nossa família tem recursos (...)		.71
11. Encaramos os problemas de frente (...)		.79
13. Mostramos que somos fortes	Reenquadramento	.60
15. Aceitamos (...) como parte integrante da vida		.57
22. Acreditamos que podemos lidar com (...)		.77
24. Definimos (...) de uma forma mais positiva (...)		.73

---

14. Frequentamos a igreja (...)		.93
23. (...) atividades religiosas	Procura de Apoio	.88
27. Procuramos (...) um padre	Espiritual	.75
30. Temos fé (...)		.67
8. Recebemos ofertas e favores de vizinhos (...)	Aquisição de Apoio	.84
10. Pedimos aos nossos vizinhos (...) favores (...)	Social - Relações de	.84
29. Partilhamos os problemas (...) vizinhos	Vizinhança	.75
1. Compartilhamos (...) dificuldades (...) familiares		.68
2. (...) Encorajamento e o apoio de amigos	Aquisição de Apoio	.71
4. (...) outras famílias que passaram por problemas (...)	Social - Relações	.73
5. (...) conselhos de parentes próximos (...)	Íntimas	.73
16. (...) preocupações com os amigos íntimos		.66
25. Perguntamos aos nossos familiares o que sentem (...)		.70
6. Procuramos auxílio de instituições (...)	Mobilização de	.76
9. (...) conselhos junto do médico de família	Apoio Formal	.68
21. (...) ajuda profissional (...)		.75
12. Vemos televisão		.24
19. Aceitamos que as dificuldades acontecem (...)	Aceitação Passiva	.58
20. Convivemos com a família (...)		.65
17. (...) a sorte tem um papel importante (...)		.61
26. Sentimos que (...) teremos dificuldade (...)	Avaliação Passiva	.68
28. Acreditamos que se deixarmos passar o tempo (...)		.58

---

### ***Associação entre subescalas***

As sete subescalas encontram-se relacionadas entre si ( $p < .05$ ), de forma fraca a moderada ( $.10 < r < .61$ ) (Pestana & Gageiro, 2008). As escalas cuja correlação apresenta valores mais baixos são Mobilização de Apoio Formal e Avaliação Passiva; por outro lado, aquelas cuja correlação apresenta valores mais elevados são Aceitação Passiva e Reenquadramento e Aquisição de Apoio Social – Relações Íntimas e Reenquadramento. Estas correlações positivas eram esperadas, uma vez que as subescalas representam domínios de um mesmo conceito, o *coping*, tido como multidimensional (McCubbin et al., 1981) (cf. Quadro 4).

Quadro 4.

*Intercorrelações entre dimensões*

	R	PAE	AASV	AASI	MAF	AP
PAE	.31					
AASV	.20	.42				
AASI	.61	.41	.48			
MAF	.29	.47	.51	.59		
AP	.61	.29	.21	.57	.35	
AVP	.33	.05*	.03*	.20	.10	.31

*Nota.* R = Reenquadramento; PAE = Procura de Apoio Espiritual; AASV = Aquisição de Apoio Social - Relações de Vizinhaça; AASI = Aquisição de Apoio Social - Relações Íntimas; MAF = Mobilização de Apoio Formal; AP = Aceitação Passiva; AVP = Avaliação Passiva.

\*sem significância estatística (todos os outros resultados são estatisticamente significativos para  $p < .001$  ou  $p < .05$ ).

### ***Estudos de precisão: Consistência interna***

Os fatores Reenquadramento, Procura de Apoio Espiritual, Aquisição de Apoio Social - Relações de Vizinhaça e Aquisição de Apoio Social - Relações Íntimas apresentam uma consistência interna boa ( $\alpha = .88$ ,  $\alpha = .86$ ,  $\alpha = .83$ ,  $\alpha = .84$ , respetivamente) (Pestana & Gageiro, 2008). O fator Mobilização de Apoio Formal apresenta uma consistência interna razoável ( $\alpha = .75$ ) (Pestana & Gageiro, 2008). Os fatores Aceitação Passiva e Avaliação Passiva apresentam uma consistência interna fraca ( $\alpha = .22$  e  $.65$ , respetivamente) (Pestana & Gageiro, 2008), pelo que não devem ser utilizados como subescalas. Por fim, a escala total apresenta uma consistência interna muito boa ( $\alpha = .91$ ) (Pestana & Gageiro, 2008), não sendo o valor de alfa de Cronbach melhorado face à eliminação de qualquer um dos itens que a compõem (cf. Quadro 5).

A correlação item-total indica uma adequada capacidade discriminante de todos os itens ( $> .30$ ) (Wilmut, 1975). Este índice de discriminação varia entre  $.68$  e  $.83$  no fator Reenquadramento, entre  $.76$  e  $.91$  no fator Procura de Apoio Espiritual, entre  $.81$  e  $.90$  no fator Aquisição de Apoio Social - Relações de Vizinhaça, entre  $.68$  e  $.81$  no fator Aquisição de Apoio Social - Relações Íntimas, entre  $.80$  e  $.84$  no fator Mobilização

de Apoio Formal, entre .58 e .68 no fator Aceitação Passiva e entre .74 e .79 no fator Avaliação Passiva.

Quadro 5.

*Valores das correlações item-total corrigidas e do alfa de Cronbach com eliminação do item*

Item	Correlações item-total corrigidas	Alfa de Cronbach com eliminação do item
Item 1	.61	.91
Item 2	.63	.91
Item 3	.60	.91
Item 4	.59	.91
Item 5	.63	.91
Item 6	.48	.91
Item 7	.54	.91
Item 8	.47	.91
Item 9	.52	.91
Item 10	.47	.91
Item 11	.58	.91
Item 12	.16	.91
Item 13	.45	.91
Item 14	.50	.91
Item 15	.52	.91
Item 16	.58	.91
Item 17	.13	.91
Item 18	.44	.91
Item 19	.49	.91
Item 20	.54	.91
Item 21	.54	.91
Item 22	.53	.91
Item 23	.51	.91
Item 24	.60	.91
Item 25	.59	.91
Item 26	.25	.91
Item 27	.49	.91
Item 28	.31	.91
Item 29	.42	.91

### 3. Aplicação

#### Como aplicar, cotar e interpretar?

O material necessário para a aplicação do F-COPES é apenas a versão em papel do questionário e uma caneta. A aplicação requer que o sujeito cote cada um dos 29 itens no que diz respeito ao grau de concordância

com os aspetos apresentados. Os itens são cotados numa escala de tipo *Likert*, de 1 (“Discordo muito”) a 5 (“Concordo muito”). O cálculo do resultado total e respetivas subescalas implica, atendendo às indicações dos autores (McCubbin et al., 1981), a soma dos itens abrangidos.

O estudo que aqui se apresenta permitiu calcular os valores de referência. Assim, apresentam-se no Quadro 6, as médias e desvios-padrão para o resultado total do F-COPES e das suas cinco subescalas, para a totalidade da amostra e considerando o sexo dos respondentes.

Quadro 6.

*Valores de referência F-COPES: Amostra total e por sexo*

Resultados F-COPES	Amostra Total (N = 595)		Sexo Masculino (n = 214)		Sexo Feminino (n = 381)	
	M	DP	M	DP	M	DP
Reenquadramento	25.46	5.47	25.80	4.29	25.27	6.03
Procura de Apoio Espiritual	10.75	4.38	10.33	4.09	10.99	4.53
Aquisição de Apoio Social - RV	6.28	3.05	6.05	2.85	6.41	3.15
Aquisição de Apoio Social - RI	20.35	5.10	20.07	4.40	20.51	5.46
Mobilização de Apoio Formal	8.08	3.08	8.10	2.99	8.08	3.14
Total	90.37	17.91	90.15	13.71	90.49	19.90

Passando para a interpretação dos resultados, quer total, quer das cinco subescalas, podemos inferir que quanto mais elevados forem os resultados mais estratégias de coping familiar são utilizadas pelo sujeito.

#### 4. Vantagens, limitações e estudos futuros

A versão portuguesa e validada do F-COPES constitui uma medida de *coping* familiar válida e fiável, enriquecedora do leque de instrumentos de avaliação, disponíveis em Portugal (para a população geral). Permite avaliar as estratégias de *coping* utilizadas pelas famílias quando confrontadas com situações de *stress*/crise, tanto no que respeita a estratégias de *coping* internas (Reenquadramento), como externas (Procura de Apoio Espiritual, Aquisição de Apoio Social - Relações de Vizinhaça, Aquisição de Apoio Social - Relações Íntimas e Mobilização de Apoio

Formal). Estas subescalas apresentam valores de consistência interna considerados razoáveis (Pestana & Gageiro, 2008) (alfa de Cronbach entre .75 e .88).

As limitações deste estudo prendem-se, sobretudo, com as características da amostra (amostra não probabilística de conveniência e não estratificada e de dimensão relativamente reduzida). Para além disso, o *coping* passivo (Avaliação Passiva e Aceitação Passiva) não pode ser avaliado, de forma independente, nesta versão do F-COPES, dados os baixos valores de consistência interna.

Futuramente será importante desenvolver estudos que melhorem as características psicométricas dos fatores Avaliação Passiva e Aceitação Passiva, por exemplo, através da construção e estudo de novos itens para estas dimensões. Pode igualmente ser útil analisar a validade concorrente do F-COPES, através da correlação com outros instrumentos que avaliem o *coping*. Ainda neste sentido, o estudo do acordo entre informadores, por exemplo entre pai e mãe aquando um determinado problema familiar, também pode constituir uma mais-valia.

## 5. Bibliografia

- Antunes, C. (2013). *Estudo de validação do Inventário Familiar de Acontecimentos e Mudanças de Vida (FILE) e das Escalas de Avaliação Pessoal Orientadas para a Crise em Família (F-COPES) numa amostra de população geral portuguesa*. (Dissertação de Mestrado Integrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Freud, S. (1933). *New introductory lectures on psychoanalysis*. New York: Norton.
- Grotevant, H., & Carlson, C. (1989). *Family assessment: A guide to methods and measures*. New York: Guilford.
- Hill, R. (1949). *Families under stress: Adjustment to the crises of war separation and reunion*. New York: Harper & Brothers.
- Instituto Nacional de Estatística (INE). (2009). *Tipologia de áreas urbanas*. Disponível em <http://smi.ine.pt/Versao/Detalhes/1961>
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal and coping*. New York: Springer.
- Lazarus, R., & Lazarus, B. (2006). *Coping with aging*. New York: Oxford University.
- Lopes, A., & Lourenço, M. (2007). *Generalidades e singularidades da doença em família: Perceção da qualidade de vida, stress e coping*. Acedido em <http://www.psicologia.pt/teses/textos/TE0001.pdf>
- Marôco, J. (2010). *Análise de equações estruturais*. Lisboa: Escolar.

- Martins, C. (2008). *F-COPES: Estudo de validação para a população portuguesa*. (Dissertação de Mestrado Integrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- McCubbin, H.I., Larsen, A., & Olson, D. (1981). Family crisis oriented personal scales (FCOPES). In H.I. McCubbin, A.I., Thompson, & M.A. McCubbin, H.A. (Eds.), *Family assessment: Resiliency, coping & adaptation: Inventories for research and practice* (pp. 455-507). Madison, WI: University of Wisconsin System.
- McCubbin, H. I., & Patterson, J. M. (1983). Family stress process: The Double ABCX Model of family adjustment and adaptation. *Marriage and Family Review*, 6, 7-37.
- Monat, A., & Lazarus, R. (1985). *Stress and coping: An anthology*. New York: Columbia University.
- Olson, D. H., & Barnes, H. (1982). Quality of life. In D. Olson et al. (Eds.), *Family inventories* (pp. 137-148). St-Paul, Minnesota: University of Minnesota, Family Social Science.
- Olson, D., McCubbin, H., Barnes, H., Larsen, A., Muxen, M., & Wilson, M. (1982). *Family inventories*. University of Minnesota, St. Paul.
- Olson, D., McCubbin, H., Barnes, H., Larsen, A., Muxen, M., & Wilson, M. (1983). *Families: What makes them work*. London: Sage.
- Pais Ribeiro, J. L., & Rodrigues, A. P. (2004). Questões acerca do Coping: A propósito do estudo de adaptação do Brief COPE. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 5(1), 3-15.
- Pearlin, L. I., & Schooler, C. (1978). The structure of coping. *Journal of Health and Social Behavior*, 19, 2-21. doi:10.2307/2136319
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. (2008). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS (5ª ed.)*. Lisboa: Sílabo.
- Simões, M. R. (2000). *Investigações no âmbito da aferição nacional do Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (M.P.C.R)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Smith, J. C. (1993). *Understanding stress and coping*. New York: Macmillan Publishing Company.
- Taft, C. T., Resick, P. A., Panuzio, J., Vogt, D. S., & Mechanic, M. B. (2007). Coping among victims of relationship abuse: A longitudinal examination. *Violence and Victims*, 22, 408-418.
- Vaz Serra, A. (2007). *O stress na vida de todos os dias*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.
- Weber, J. (2011). *Individual and family stress and crises*. California: SAGE.
- Wilmot, J. (1975). Objective test analysis: Some criteria for item selection. *Research in Education*, 13, 27-56.